

ANÁLISE DE CONTEÚDO: UM CASO DE APLICAÇÃO AO ESTUDO DOS VALORES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Ana Roque Dantas

A importância das representações sociais no estudo da violência já foi referida, no início deste capítulo, pelo coordenador do livro. Neste texto, retomamos essa perspectiva, no sentido de mostrar um exemplo prático sobre a utilização da Análise de Conteúdo no tratamento e análise de entrevistas em profundidade. Assim, a exposição que agora se apresenta surge na sequência de um trabalho de Mestrado em Sociologia, onde se recorreu à Análise de Conteúdo para o tratamento das entrevistas realizadas, mobilizando, simultaneamente, abordagens qualitativas e quantitativas para a análise do material recolhido. Partindo de uma investigação concreta (Roque Dantas, 2008), explicam-se as principais opções e procedimentos, esperando que a apresentação deste caso prático contribua para clarificar e apoiar as opções do leitor.

Para tal, começaremos este texto com a apresentação da contextualização teórica do estudo e a explicitação dos seus principais objectivos. No ponto 2, focaremos a estratégia metodológica desenvolvida nesta pesquisa, incluindo a descrição e justificação do instrumento de recolha de informação. Segue-se a análise dos dados recolhidos que se apresenta no ponto 3, explicando tanto a dimensão quantitativa como a qualitativa da análise. O ponto 4 é dedicado à exposição de alguns dos resultados e aos procedimentos desenvolvidos para alcançá-los. Por fim, descrevem-se algumas das principais conclusões da investigação. Seguidamente, apresenta-se a contextualização teórica e a descrição geral da investigação.

1. Contextualização teórica e descrição geral do estudo

As transformações sociais do final do século XX, através de um conjunto favorável de circunstâncias, conduziram a um aumento da prosperidade económica e da liberdade social e política em diversos países, contribuindo para a extensão da liberdade de

escolha que as pessoas têm sobre como viver as suas vidas (Inglehart & Welzel, 2005).

Esta melhoria continuada das condições de vida foi acompanhada por uma mudança nos estilos de vida e por alterações dos principais valores, no sentido de um acréscimo da importância de valores de realização e de desenvolvimento pessoal (Griffiths & Reeves, 2009; Inglehart, Foa, Peterson, & Welzel, 2008; Inglehart & Welzel, 2005). São vários os autores que defendem que as sociedades actuais se caracterizam por um maior centramento no indivíduo e na sua capacidade (e responsabilidade) de construção biográfica, fruto de alterações da relação entre este e a sociedade, nomeadamente pela fluidez das relações (pessoais e profissionais), das escolhas possíveis e também dos modelos orientadores disponíveis (Bauman, 2003; Beck & Beck-Gernsheim, 1995; Beck & Beck-Gernsheim, 2001; Giddens, 2002)¹. No mesmo sentido, e de acordo com os resultados do *World Values Survey* analisados por Inglehart e a sua equipa, com o desenvolvimento económico do século XX, verifica-se um aumento da *sensação de segurança existencial* das populações e uma mudança dos valores predominantes na sociedade, no sentido da maior valorização da auto-expressão e da liberdade de escolha (Inglehart *et al.*, 2008). Mais especificamente, a tese partilhada é que, em condições de escassez, as pessoas tendem a focar-se em necessidades de sobrevivência e a dar prioridade à segurança física e económica, em detrimento de valores de igualdade e expressão individual. Ao contrário, uma vez satisfeitas as necessidades de sobrevivência, emergem novas preocupações, interesses, valores e objectivos de vida (Ronald Inglehart *et al.*, 2008; Pickett & Wilkinson, 2011; Welzel, Inglehart & Kligemann, 2003).

A pesquisa que agora se apresenta situa-se neste contexto, e teve como principal objectivo a identificação dos principais valores e sentimentos orientadores de práticas e posturas vivenciais diferenciadas². Mais especificamente, pretendia-se ficar a conhecer – perante a referida mudança dos valores orientadores que as diversas teorias sugerem, no sentido da maior valorização social

1 Para um debate aprofundado sobre as diferenças teóricas e conceptuais entre estes autores, ver Howard (2007).

2 Destacamos que este trabalho foi realizado entre 2006 e 2008, no período anterior ao resgate financeiro decorrente da crise económica.

e individual de aspectos relacionados com o prazer, o bem-estar ou felicidade e a auto-realização (Inglehart *et al.*, 2008; Welzel *et al.*, 2003) – que valores emergiam nos discursos de actores sociais marcados por diferentes trajectórias de vida. Assim, nesta investigação, propusemo-nos analisar detalhadamente as diferentes experiências de socialização vividas e relatadas pelo indivíduo, procurando identificar regularidades nos seus comportamentos e nas suas motivações. Entendeu-se, por isso, o indivíduo como um *concentrado de mundo social* que experiencia vivências múltiplas e por vezes incoerentes, incorporando-as e utilizando-as nas suas acções práticas (Elias, 2006; Lahire, 2004a, 2004b; Lopes, 2012). Neste sentido, pretendeu-se explorar como os indivíduos lidam com o seu contexto e com as diferentes realidades sociais com que contactam e quais os valores e os sentimentos que os orientam e motivam a investir em ou a afastar-se de determinadas experiências ou práticas sociais. Desta forma, a nossa proposta de análise centrou-se na identificação dos valores e sentimentos que condicionam e distinguem diferentes acções e condutas.

Esta proposta de investigação nasce com uma inquietação pessoal em torno de processos de ruptura realizados por pessoas que, apesar da sua aparente inserção social e profissional, largam empregos, cortam laços sociais, iniciam novas actividades e ensaiam novas e diferentes formas de estar na vida. Tendo começado como uma curiosidade perante um fenómeno que parecia estar a ganhar alguma expressão, iniciou-se uma recolha sistemática de alguns indicadores – como o aumento do número de artigos em jornais e revistas e de publicações a tratar esta temática (Roque Dantas, 2008, 2015) – que sustentava a hipótese de uma transformação dos valores orientadores, no sentido da maior valorização da autonomia e realização pessoal, mas também de uma maior centralidade da importância assumida pelo bem-estar e procura de felicidade para a sustentação das decisões individuais e construção dos projectos de vida (Inglehart *et al.*, 2008; Lipovetsky, 2007; Roque Dantas, 2012)³.

3 Destaca-se, novamente, que esta investigação decorreu num momento anterior à crise económica e, como tal, não foram considerados os efeitos da mesma sobre as práticas e decisões dos actores sociais, nomeadamente, como o aumento do desemprego e a diminuição das oportunidades profissionais poderiam conduzir à procura de soluções alternativas. Sobre este assunto, sugerimos a leitura de Kovacs e Lopes (2009).

A análise realizada centrou-se em trajectórias de vida, através do entendimento dos actores sociais sobre as suas vivências passadas e face ao contexto presente, explorando as mudanças mais significativas das suas condições de vida e procurando entender as suas motivações, os seus sentimentos e os seus valores orientadores face às diferentes experiências relatadas. A opção de analisar trajectórias de vida assenta, assim, na necessidade de conhecer, tanto as práticas actuais dos actores sociais, como os acontecimentos que fundamentam a sua vida e as posições que ocupam em diferentes campos da prática social, tal como sugere Dubar (1998). Mais concretamente, através do estudo das trajectórias, pretendeu-se perceber se as estratégias desenvolvidas em relação a diferentes esferas da sua vida têm associados valores orientadores distintos, que enformem posturas vivenciais diferenciadas. Seguidamente, apresenta-se a metodologia desenvolvida nesta pesquisa.

2. Abordagem metodológica

Face aos objectivos já apresentados, tornava-se necessário adoptar uma metodologia que fosse rigorosa e que permitisse uma estratégia de aproximação sucessiva ao objecto de estudo, de modo a observar práticas, identificar valores, conhecer motivações e expectativas, partindo do entendimento dos seus protagonistas acerca das mudanças mais significativas na sua vida.

Neste sentido, optou-se pelas entrevistas em profundidade como instrumento de recolha de informação para reconstruir as trajectórias de vida dos indivíduos e pôr em evidência as constantes, as regularidades e o *fundo comum* a diferentes actores sociais, tal como proposto por Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999). Diversos autores propõem a utilização de entrevistas em profundidade para aceder à maneira de pensar e agir dos actores sociais e pôr em evidência os processos sociais subjacentes às suas práticas e assim desenvolver uma explicação sociológica (Dubar, 1998; Kaufmann, 2006; Lopes, 2012). No mesmo sentido, Machado Pais lembra que os relatos orais permitem «... situar um indivíduo concreto no contexto da totalidade da sua vida, em relação directa com a história do seu tempo; capacitando-nos a melhor

compreender as suas acções, contingências e alternativas através da conjugação do seu tempo histórico individual e de um tempo histórico social» (Pais, 2006).

Era nosso objectivo captar simultaneamente as vivências (ou a história singular do indivíduo) e a sua trajectória social, combinando a análise dos acontecimentos com o entendimento que deles é feito, como sugere Conde (Conde, 1993a, 1993b, 1994). Esta abordagem *compreensiva*, recorrendo às entrevistas em profundidade, permitiu considerar os entrevistados como informadores, procurando descortinar as suas categorias de pensamento, tanto para conduzir as entrevistas eficazmente como para produzir hipóteses explicativas (Kaufmann, 2006). Assim, através deste instrumento foi possível: aceder às experiências de vida de indivíduos dentro dos seus contextos sócio-históricos; a compreensão das dinâmicas e dos processos sociais subjacentes às condutas dos actores envolvidos; e captar «... as vivências sociais, os modos como os sujeitos experienciam e elaboram a subjectividade da experiência social em que se inserem ...» (Lisboa *et al.*, 2006).

Mais concretamente, a análise das entrevistas em profundidade revelou, não só diferentes posturas vivenciais, como também os valores e as práticas a elas associadas. Esta estratégia de observação possibilitou ainda conhecer como diferentes actores sociais formalizam os seus valores orientadores e sentimentos e de que modo na sua trajectória biográfica estes estão presentes como orientação para a acção individual. Foi esta análise que permitiu aceder à influência do contexto social sobre as acções individuais, destacando os elementos sociais que revestem as acções individuais e, ao mesmo tempo, interpretar o significado que os actores sociais dão às suas acções.

2.1. As entrevistas em profundidade

Tendo sido expostas as razões para optar pela entrevista em profundidade enquanto método de observação e recolha de informação, importa agora apresentar algumas explicações adicionais quanto à sua aplicação prática nesta investigação.

Tal como foi dito anteriormente, este instrumento permite reconstruir trajectórias de vida e colocar em evidência as propriedades de cada entrevista, destacando e interpretando tanto as diferenças como as semelhanças no *corpus* constituído com os resultados transcritos das entrevistas.

Para esta investigação, optou-se pela utilização de uma forma semi-estruturada de conduzir a entrevista, com utilização de um guião orientador da conversação, mas sem o entender como uma estrutura rígida. Esta opção encontra sustentação noutros autores, que defendem que a entrevista semiestruturada é a técnica que melhor serve a recolha de informação através de entrevistas em profundidade (Poirier *et al.*, 1999). Neste modelo de entrevista, a formulação e a ordem das questões está previamente definida no guião de entrevista e, embora salvaguardando o tratamento extensivo e equilibrado das questões inicialmente previstas, não há um condicionamento rigoroso do desenvolvimento das respostas (Ghiglione & Matalon, 2001). Desta forma, é possível o aprofundamento da informação a recolher, o entrevistador tem liberdade para introduzir novas questões ou alterar a sequência das perguntas/temas e a amplitude de resposta do entrevistado é maior. Ao mesmo tempo, a utilização de um guião surge não só da necessidade de estruturação da conversa (suprimindo a dispersão da entrevista), mas serve também como grelha analítica para a posterior análise e comparação do material recolhido.

Em termos práticos, a construção do guião de entrevista foi orientada pelo quadro teórico e objectivos da pesquisa para identificar as principais dimensões estruturadoras dos valores orientadores e das formas de sentir. Neste sentido, o guião de entrevista contém sete dimensões a explorar: 1) o contexto social; 2) as experiências socializadoras; 3) a relação com condições materiais; 4) o quotidiano; 5) os estilos de vida; 6) a esfera profissional; 7) os quadros de vida. Explora-se, em todos estes temas, as mudanças significativas na vida do indivíduo, bem como os sentimentos e valores orientadores das decisões tomadas.

Assim, as entrevistas em profundidade permitiram uma análise centrada nos modos de vida de cada indivíduo, na forma que estes têm de pensar sobre si próprios e as suas acções, e de avaliar as circunstâncias sociais em que se movem, permitindo conhecer os

valores orientadores e sentimentos associados a posturas vivenciais diferenciadas. Através deste instrumento, foi possível aceder ao universo subjectivo dos indivíduos, às suas representações sociais e aos significados atribuídos ao mundo em seu redor, captando, não só o percurso singular de cada um dos entrevistados, mas também os seus processos de socialização, de construção e partilha de valores orientadores, bem como as suas expectativas e práticas. Desta forma, tornou-se possível conhecer como os indivíduos vivenciam o seu quotidiano, explorar as mudanças significativas nas suas vidas e situar os seus entendimentos num contexto social mais vasto.

Em seguida, focar-nos-emos sobre o processo de amostragem desenvolvido neste trabalho.

2.2. A construção da amostra

Tendo presentes os objectivos da investigação – identificar os valores orientadores de diferentes posturas vivenciais –, era indispensável entrevistar indivíduos que estivessem disponíveis para falar das suas vidas, dos seus objectivos e ideais e dos seus sucessos e/ou fracassos.

Era igualmente necessário observar pessoas com trajectórias de vida diferenciadas, para aceder a histórias de vida marcadas por processos de ruptura (pessoal e/ou profissional), mas também observar pessoas com percursos de vida mais convencionais, e captar igualmente outras posturas vivenciais, mais pragmáticas ou marcadas por uma maior espiritualidade, permitindo, assim, explorar possíveis diferenças nos seus valores orientadores. Neste sentido, foram definidos quatro perfis-tipo⁴, que traduzem estas diferentes posturas e percursos. São eles:

1. *Perfil pragmático*: pessoas muito pragmáticas, ligadas ao quotidiano e às suas rotinas, com uma lógica instrumental do trabalho e centradas nas questões materiais (pagar casa, comprar carro);

4 Os perfis-tipo foram construídos enquanto tipos ideais, conceito abstracto que apoia o investigador na explicitação da realidade. Neste sentido, não se pretende com os perfis-tipo resumir traços comuns nem fazer uma descrição da realidade, mas apoiar a sua análise e interpretação.

2. *Perfil espiritual*: indivíduos que encaram a vida com ideais espirituais e/ou religiosos, de procura de um sentido para a vida, procurando o desenvolvimento pessoal e a realização pessoal. Vivem na procura de equilíbrio e bem-estar;
3. *Perfil convencional*: pessoas com percursos de vida mais tradicionais, centradas na acumulação de rendimentos e na continuidade social e económica; desenvolvem trajectórias profissionais orientadas para a estabilidade e carreira, bem como para recompensas e benefícios materiais. O reconhecimento social assume importância. As férias surgem como momentos de quebra das rotinas;
4. *Perfil ruptura*: pessoas com um perfil independente, autónomo e livre. O seu estilo de vida é pouco convencional, excêntrico, talvez até desviante; desenvolvem condutas inovadoras, empreendedoras e aventureiras; procuram um sentido para a vida mas vivem para *gozar o momento*; são indivíduos para quem a ruptura (largar e começar de novo) funcionou como um momento propício a novas opções de vida.

Face à dificuldade de identificar potenciais entrevistados com as características descritas de forma listada, a metodologia de amostragem escolhida foi a da *bola de neve*. Nesta técnica, é o investigador que identifica o primeiro indivíduo a ser entrevistado. A partir daí, são os entrevistados que sugerem outras pessoas a entrevistar e a amostra vai crescendo através dos contactos por estes fornecidos. As vantagens deste método residem na possibilidade de aceder a populações não identificadas, na flexibilidade de aplicação, mas também no facto de este tipo de amostragem permitir aceder à informação de uma variedade de contextos sociais (Atkinson & Flint, 2001)⁵.

Neste trabalho, e para minimizar o efeito de enviesamento da informação (decorrente da proximidade entre os entrevistados, que podem partilhar certas características e opiniões), optou-se por fazer uma selecção inicial variada (tentando captar pessoas em diferentes grupos, em diferentes contextos e com diferentes percursos de vida), tal como explicado anteriormente. Na prática, identifica-

5 Informação aprofundada sobre vantagens e desvantagens da amostragem por *bola de neve*: Atkinson e Flint (2001); Biernacki e Waldorf (1981).

ram-se indivíduos com trajetórias diferenciadas para dar início à(s) estratégia(s) de *bola de neve*. A amostra foi crescendo, até ao limite em que as novas entrevistas não traziam um acréscimo de informação determinante para os objectivos do estudo. A saturação da informação foi assim o critério utilizado para definir o número final de entrevistas a incluir na investigação (Sandelowski, 1995).

Assim, foram realizadas 16 entrevistas, a uma amostra constituída por homens e mulheres, com idades compreendidas entre os 29 e 43 anos, com características urbanas (embora podendo não residir na cidade), profissionalmente inseridos e com diferentes profissões, com estilos de vida definidos e projectos de vida delineados. Os entrevistados têm ainda percursos individuais diferenciados (de acordo com os diferentes perfis tipo já apresentados). A tabela 1 apresenta algumas características biográficas dos entrevistados segundo o perfil considerado.

Tabela 1: Características biográficas dos entrevistados

| PERFIL | SEXO | IDADE | ESTADO CIVIL | PROFISSÃO | FILHOS |
|--------------|-----------|-------|----------------|------------------------|--------|
| Pragmático | Feminino | 33 | Solteira | Secretária | 0 |
| Pragmático | Feminino | 30 | Solteira | Designer gráfico | 0 |
| Pragmático | Masculino | 32 | União de facto | Director marketing | 2 |
| Pragmático | Feminino | 39 | Casada | Professora | 1 |
| Espiritual | Feminino | 32 | Solteira | Formador | 0 |
| Espiritual | Feminino | 32 | Solteira | Astróloga | 0 |
| Espiritual | Masculino | 30 | União de facto | Astrólogo | 0 |
| Espiritual | Masculino | 29 | União de facto | Formador | 0 |
| Convencional | Feminino | 32 | Divorciada | Gerente livraria | 1 |
| Convencional | Feminino | 34 | União de facto | Doméstica | 3 |
| Convencional | Masculino | 42 | União de facto | Director criativo | 2 |
| Convencional | Masculino | 43 | Divorciado | Quadro directivo banco | 0 |
| Ruptura | Feminino | 40 | Divorciada | Teraapeuta shiatsu | 0 |
| Ruptura | Masculino | 32 | Casado | Copy | 2 |
| Ruptura | Masculino | 30 | Solteiro | Naturalogista | 0 |
| Ruptura | Feminino | 40 | Divorciada | Webdesigner | 0 |

Fonte: Roque Dantas (2008)

Tendo apresentado a estratégia de amostragem e as principais características da amostra, em seguida ocupar-nos-emos da análise das entrevistas realizadas.

3. A análise das entrevistas

A partir do discurso (e posterior transcrição para texto) das 16 pessoas entrevistadas, constituiu-se um *corpus* extenso.

A finalidade da análise situava-se na identificação dos elementos comuns que emergem do material recolhido, para ter uma visão de conjunto – partindo dos discursos manifestos para detectar regularidades que ajudem a compreender a predisposição para a acção –, mas, ao mesmo tempo, pretendia-se fazer uma análise em profundidade dos casos particulares e dos entendimentos que os entrevistados dão aos seus discursos.

Neste sentido, escolhemos a técnica de Análise de Conteúdo para analisar a informação obtida pelas entrevistas. Ao nível dos seus pressupostos metodológicos, a Análise de Conteúdo pode ter orientações mais quantitativas ou qualitativas pois «... a primeira obtém dados descritivos através de um método estatístico (...) a segunda corresponde a um procedimento mais intuitivo mas também mais maleável e mais adaptável ...» (Bardin, 1994).

Tendo presente as diferenças nestas orientações e os objectivos enunciados, desenvolveu-se uma estratégia de análise das entrevistas a diferentes níveis e recorrendo a diferentes técnicas. Por um lado, a análise centrou-se na identificação (e quantificação) dos temas presentes nos discursos de actores sociais concretos, procurando os elementos comuns, estruturadores e condicionadores da acção individual. Esta análise temática foi desenvolvida pela identificação da presença dos temas e, posteriormente, com recurso a técnicas estatísticas, descreveu-se a estrutura de valores e sentimentos orientadores. Por outro lado, o material recolhido foi sujeito a uma Análise de Conteúdo qualitativa, procurando interpretar os discursos dos entrevistados e os significados que estes dão às suas acções. Ao mesmo tempo, e porque o objectivo era tanto analisar as trajectórias individuais como comparar os vários percursos e experiências, a análise foi realizada simultaneamente na vertical

(entendendo cada entrevista como um todo) e na horizontal (cada tema é comparado transversalmente nos vários discursos).

Assim, neste trabalho conjugaram-se ambas as abordagens da Análise de Conteúdo – quantitativa e qualitativa –, procurando, por um lado, interpretar os conteúdos explícitos dos discursos, de modo a captar as diferenças e semelhanças, comparando-os e interpretando-os, e, por outro, identificar a frequência com que certos temas aparecem no *corpus* constituído.

Desta forma, nesta pesquisa, e tendo presente que a entrevista é *uma conversa com um objectivo* (Bingham & Moore, 1934) e que uma Análise de Conteúdo só tem sentido se for orientada para um objectivo (Ghiglione & Matalon, 2001), recorreu-se à utilização conjunta e complementar de diferentes técnicas de Análise de Conteúdo para ampliar as possibilidades de interpretação e assim cumprir os objectivos da investigação.

Passaremos em seguida a apresentar os procedimentos desenvolvidos em cada uma das abordagens, começando com a Análise de Conteúdo quantitativa.

3.1. Análise de Conteúdo: abordagem quantitativa

O tratamento das entrevistas inicia-se sempre com a organização e classificação do material recolhido. Esta tarefa tem como objectivo reduzir a complexidade dos dados recolhidos, identificando os principais temas tratados, classificando e ordenando os discursos, para começar a atribuir sentidos ao *corpus* constituído pelos discursos de diferentes pessoas. Para tal, num primeiro momento, definiram-se as *unidades de categorização* e a *modalidade de codificação* para o registo dos dados (Bardin, 1994; Ghiglione & Matalon, 2001; Guerra, 2006; Vala, 2007).

Começando pelas unidades de categorização do material, a sua definição decorreu não só do quadro teórico e dos objectivos da pesquisa, mas também do material em análise, tal como defendem diversos autores (Kaufmann, 2006; Vala, 2007). De facto, a riqueza dos discursos, nomeadamente através de relatos descritivos de acontecimentos, de idealizações e expectativas, bem como de valores, conduziu à definição de categorias de análise que não

estavam inicialmente previstas, mas cuja introdução facilitou a análise e interpretação dos conteúdos. Neste sentido, as categorias são construções analíticas, que procuram objectivar significados subjectivos e identificar regularidades nos discursos dos entrevistados, contribuindo para a sua compreensão. Esta transformação dos objectivos da investigação em categorias de análise – codificação – é uma operação de extrema importância em Análise de Conteúdo (Bardin, 1994), funcionando como um processo sistemático que transforma e agrega os dados em unidades que permitem uma descrição do conteúdo do texto. As categorias definidas para classificar o *corpus* constituído são: *valor do tempo; valor do colectivo; hedonismo; família; trabalho; espiritualidade; felicidade; amizade; viver; adiar; ter; ser/fazer*.

Quanto à modalidade de codificação, definiu-se o tema como sendo a *unidade de registo*, e o parágrafo a *unidade de contexto* (ou o segmento de onde é retirado o conteúdo mínimo para análise). Desta forma, das 16 entrevistas realizadas, foi possível obter 1817 unidades de contexto válidas para análise⁶. Por sua vez, a *unidade de contagem* escolhida foi a presença/ausência da categoria nos 1817 segmentos de texto considerados.

A codificação do material foi feita segundo o que é comum aos diferentes discursos, procurando organizar e agregar a informação recolhida e respeitando critérios de objectividade e sistematicidade. Mais especificamente, as categorias foram aplicadas de forma idêntica e inequívoca a todo o material. Ao mesmo tempo, foi ainda assegurada a validade do processo de codificação, garantindo a clareza e rigor das categorias, para que não surgissem incertezas no processo de classificação.⁷

Definidas as regras de classificação, foi iniciado o tratamento do material recolhido. Primeiro, fez-se a validação e codificação de todo o material, seguindo-se o apuramento das frequências das categorias e a sua análise relacional.

6 Excluíram-se da análise os parágrafos com menos de cinco palavras, e o parágrafo tem como limite máximo cinco linhas.

7 Igualmente, e tendo presente que os resultados devem ser independentes de quem os produz (Bingham & Moore, 1934; Ghiglione & Matalon, 2001; Vala, 2007), neste trabalho, a tarefa de codificação do material foi realizada por duas investigadoras diferentes, e comparados os seus resultados. Verificou-se que as duas codificadoras aplicaram de forma semelhante os mesmos critérios de codificação a todo o material.

Assim, uma primeira exploração dos dados passou por técnicas de estatística univariada, para quantificar a presença de cada uma das categorias no conjunto do material. Mais especificamente, foram feitas tabelas de frequência para cada uma das categorias definidas.

Em seguida, foram utilizados instrumentos estatísticos para a análise simultânea de duas variáveis, explorando as relações que se estabelecem entre elas, de modo a determinar se as diferenças na sua distribuição são estatisticamente significativas. As categorias de análise deram origem a variáveis nominais e, como tal, a análise centra-se nas frequências, percentagens e resíduos estandardizados e ajustados, calculados com recurso ao programa SPSS.

Posteriormente, e com o objectivo de detectar se nos discursos dos entrevistados emergem valores e práticas comuns que ajudem a caracterizar diferentes posturas vivenciais, procedeu-se a uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), de forma a explorar as relações existentes entre as diferentes categorias analíticas.

Este primeiro momento de análise, essencialmente quantitativo, procurou identificar os elementos comuns estruturadores das práticas dos entrevistados, e que podem constituir diferentes posturas vivenciais. Ao permitirem evidenciar valores comuns a diferentes práticas e posturas, sugeriam pistas de análise a aprofundar numa abordagem mais qualitativa e orientada para a interpretação do sentido dado às acções.

No ponto 4 apresentam-se alguns resultados desta análise, mas antes iremos ainda apresentar a abordagem qualitativa desenvolvida para o tratamento das entrevistas.

3.2. Análise de Conteúdo: abordagem qualitativa

Paralelamente à abordagem quantitativa, procedeu-se a uma análise qualitativa das entrevistas, com o objectivo de desenvolver o tema em profundidade. Para tal, a análise incide nos casos particulares e nos discursos dos entrevistados, a partir da sua própria reflexividade e entendimento das situações.

Esta análise desenvolveu-se partindo do reconhecimento de temas presentes nos discursos, isolando-os para reduzir a infor-

mação, e também para permitir a sua comparação e interpretação. Mais especificamente, através de uma análise horizontal, tratou-se a forma como cada um dos temas identificados é abordado pelos entrevistados, tendo em conta, tanto as semelhanças, como as diferenças entre eles. Foi igualmente realizada uma análise vertical – de cada entrevista – pois é esta que permite perceber a estruturação de projectos de vida. Assim, a análise vertical é aquela que se debruça sobre cada sujeito separadamente, permitindo passar em revista os diferentes temas abordados e chegar a uma síntese individual.

Na prática, construíram-se grelhas de análise, isolando os excertos de texto em que era tratado cada tema. Esta organização permite ter uma visão conjunta da forma como os temas são abordados por diferentes pessoas, destacando as diferenças e as semelhanças entre eles (Guerra, 2006). Paralelamente, o enfoque na entrevista como um todo permite aprofundar a informação acerca dos motivos e significados do entrevistado acerca das suas acções. Esta abordagem compreensiva aos discursos sugeriu algumas hipóteses explicativas que foram aprofundadas através da análise estatística. O tratamento das entrevistas simultaneamente qualitativo e quantitativo foi desenvolvido de forma imbricada, num ir e vir entre as vozes dos entrevistados e uma análise estatística mais distanciada.

Em síntese, a análise das entrevistas foi desenvolvida em níveis distintos mas complementares, procurando-se os valores subjacentes aos discursos dos entrevistados, que podem ser condicionadores das suas acções, mas também através de uma aproximação compreensiva aos discursos dos entrevistados, procurando conhecer o significado que estes dão às suas práticas.

Em seguida apresentam-se alguns dos principais resultados alcançados nesta investigação e que são ilustrativos da metodologia aplicada.

4. Aplicação prática e principais resultados

Seguidamente, apresentaremos alguns dos resultados a que foi possível chegar com esta investigação, bem como a lógica e as opções que orientaram a análise dos dados.

Após a definição das categorias analíticas e da modalidade de codificação, já apresentadas no ponto anterior, procedeu-se à

classificação do material recolhido. Na prática, as 1817 unidades de contexto válidas, resultantes das 16 entrevistas em profundidade realizadas, foram questionadas quanto à presença/ausência de cada uma das categorias.

A cada uma das unidades de contexto foi perguntado:

1. Fala no *valor do tempo*? (referências a ter ou a não ter tempo, sobre o tempo nas rotinas e no quotidiano, acerca de estratégias de organização do tempo): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)
2. Fala em *viver*? (referências a vivências, a sentido para a vida, a estratégias de equilíbrio entre diferentes dimensões da vida mas também menções à importância e procura de satisfação e felicidade): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)
3. Fala em *adiar*? (referências a projectos para o futuro, o que se deseja, o que falta fazer e por oposição à sua concretização diária): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)
4. Fala em *ter*? (referências à importância de ter segurança/estabilidade, alusões à dimensão profissional, com preocupações com a carreira, remuneração ou valor social do trabalho, mas também menções à família e projecto familiar, menções a todo o tipo de posses, materiais ou não): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)
5. Fala em *ser/fazer*? (referências à importância do auto-conhecimento, desenvolvimento pessoal, realização pessoal, aprendizagem, fazer/viver/gozar as situações e o quotidiano): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)
6. Fala sobre *preocupação com os outros (valor do colectivo)*? (referências a participação comunitária, disponibilidade e ajuda do outro, importância das pessoas): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)
7. Fala em *prazer/hedonismo*? (referências a prazeres físicos, sensoriais, opções de vida orientadas para o que dá gosto fazer): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)
8. Fala na *família*? (referências à família, tanto a existente como a idealizada): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)
9. Fala no *trabalho*? (referências ao trabalho, ausência de trabalho, sua importância, projectos profissionais, incertezas profissionais): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)

10. Fala em *espiritualidade/religiosidade*? (referências a condutas mais espirituais, importância da religião ou da espiritualidade): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)
11. Fala em *felicidade*? (referências a felicidade, sentida, idealizada, bem como aos seus significados e importância): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)
12. Fala em *amizade*? (referências aos amigos e à sua importância): 1. Sim (presente); 2. Não (ausente)

As doze categorias analíticas deram origem a doze variáveis nominais e foram organizadas numa folha de cálculo *Excel*, tal como o exemplo apresentado na Figura 1, permitindo classificar os discursos segundo a presença (código 1) ou ausência (código 2) dos temas nas unidades de contexto.

Figura 1: Processo de codificação das entrevistas: exemplo

| Nº ENT | TEXTO | Tempo | Viver | Adiar | Ter | Ser | Outros | Hedonismo | Família | Trabalho | Espiritual | Felicidade | Amizade |
|--------|--|-------|-------|-------|-----|-----|--------|-----------|---------|----------|------------|------------|---------|
| 1 | eu tenho neste momento uma relação muito importante... à distância... mas muito importante, não deixa de ser importante... com uma pessoa que vive no Alentejo, em comunidade... e eu estou a pensar ir viver em comunidade | 2 | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 | 1 | 2 |
| 1 | eu sou uma pessoa muito espiritual | 2 | 2 | 2 | 2 | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 | 1 | 2 | 2 |
| 1 | Ou seja, em termos sociais... o mais importante é ser eu própria, eu ser eu, e depois isso, obviamente, eu tenho obrigações sociais mas não vejo que o amor seja uma coisa social, é na medida em que eu amo as pessoas no geral | 2 | 2 | 2 | 2 | 1 | 1 | 2 | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 |

Fonte: Roque Dantas (2008)

No final do processo de classificação (feito por duas investigadoras diferentes), procedeu-se à quantificação das categorias no conjunto do material recolhido.

A tabela 2, apresentada em seguida, mostra a distribuição de frequências de cada uma das variáveis constituídas a partir das categorias consideradas. Das 1817 unidades analisadas, resultaram 3331 classificações.

Tabela 2: Distribuição de frequências das categorias analíticas

| | Presente | Ausente |
|-----------------|----------|---------|
| Valor do tempo | 162 | 1655 |
| Viver | 384 | 1433 |
| Adiar | 112 | 1705 |
| TER | 584 | 1233 |
| SER/Fazer | 508 | 1309 |
| Colectivo | 102 | 1715 |
| Hedonismo | 325 | 1492 |
| Família | 298 | 1519 |
| Trabalho | 528 | 1289 |
| Espiritualidade | 116 | 1701 |
| Felicidade | 88 | 1729 |
| Amizade | 124 | 1693 |
| Total | 3331 | |

Fonte: Roque Dantas (2008)

Uma primeira observação dos dados permite perceber que, apesar da elevada presença de todas as categorias no *corpus*, as referências a *ter*, *ser/fazer* e *trabalho* registam as contagens mais elevadas. De acordo com a classificação feita, mais de 500 unidades tinham menções a estes temas (584, 508, 528 presenças, respectivamente). Nas 1817 unidades de contexto analisadas, é ainda possível encontrar 384 alusões a *viver*, 325 a *hedonismo*, 298 à *família*, 162 ao *tempo*, 124 à *amizade*, 116 à *espiritualidade*, 102 ao *colectivo* e 88 à *felicidade*. Esta análise permite desde já quantificar a relevância de cada um dos temas (categorias) no conjunto dos discursos dos entrevistados. Assim, a análise estatística univariada permitiu uma primeira aproximação aos dados e a quantificação da importância de cada uma das categorias no conjunto dos discursos.

Em seguida, pretendeu-se perceber a relevância que cada uma das categorias adquire segundo o perfil de entrevistado definido. Para tal, e como as categorias deram origem a variáveis nominais, recorreu-se à construção de tabelas de contingência, para aceder à distribuição conjunta de duas variáveis; à análise do teste de

independência do Qui-quadrado (X^2) para avaliar a grandeza da relação entre variáveis; e à análise dos resíduos estandardizados e ajustados, que contribuem para que o resultado da relação entre variáveis seja significativo, permitindo assim conhecer a associação entre categorias da variável⁸.

Neste sentido, procedemos à análise da distribuição das categorias de análise com a variável perfil do entrevistado (espiritual, ruptura, pragmático, convencional). A tabela 3 apresenta os resíduos estandardizados e ajustados estatisticamente significativos resultantes do cruzamento entre a presença de cada um dos temas e o perfil de entrevistado.

Tabela 3: Resíduos estandardizados e ajustados significativos por perfil (espiritual, ruptura, pragmático, convencional)

| | Tempo | Viver | Adiar | Ter | Ser | Outros | Hedonismo | Família | Trabalho | Espiritual | Felicidade | Amizade |
|--------------|-------|-------|-------|------|------|--------|-----------|---------|----------|------------|------------|---------|
| Espiritual | - | 6,1 | -3,7 | -2,0 | 8,2 | 8,3 | 4,2 | -3,0 | -2,4 | 8,6 | - | - |
| Ruptura | - | 8,0 | -4,4 | -4,2 | 5,1 | - | 5,0 | -3,2 | - | 2,0 | 2,7 | - |
| Pragmático | - | -6,5 | 5,9 | 2,6 | -8,4 | -2,2 | -4,9 | 4,6 | - | -4,4 | - | 2,7 |
| Convencional | - | -7,4 | 2,0 | 3,5 | -4,6 | -4,9 | -4,1 | - | 4,5 | -6,1 | -2,9 | -2,6 |

Fonte: Roque Dantas (2008)

Nota: Os valores apresentados referem-se aos resíduos estandardizados e ajustados (entre a presença da categoria e o perfil) com significância estatística ($|Z| > 1,96$; nível de significância de 0,05). Os valores realçados a negro indicam uma associação positiva entre as categorias⁹. Em todos os cruzamentos, à excepção da variável *tempo*, foi possível obter testes de independência do Qui-quadrado significativos.

- 8 Os resultados do teste de independência do Qui-quadrado só foram analisados quando estavam cumpridos os seus pressupostos de aplicabilidade, nomeadamente: 1. Não mais de 20% com frequência esperada inferior a 5 observações; 2. Nenhuma célula com frequência esperada inferior a 1 (Laureano, 2013; Marôco, 2011; Sheskin, 2004). Refira-se que o objectivo da utilização deste teste é aferir a grandeza das relações, e não inferir os resultados a uma população mais vasta.
- 9 Um resíduo superior a 1,96 ($R_{ij} > 1,96$) é significativo a 0,05, sendo que o valor positivo do resíduo indica que o valor observado na célula é significativamente superior ao valor esperado e o valor negativo indica que os valores observados na célula são significativamente inferiores aos valores esperados. Em termos de análise, o valor de resíduo significativo é consistente com a importância que a relação entre as categorias na célula desempenha no efeito significativo do conjunto (Sheskin, 2004).

A análise da tabela permite, desde logo, perceber que as referências ao valor do *tempo* não encontram associação estatística com qualquer um dos perfis propostos. Mais especificamente, nenhum dos perfis atribui maior relevância a este tema, ou fala mais acerca de ter ou não ter tempo, sobre o tempo nas rotinas e no quotidiano ou de estratégias de organização do tempo.

Por sua vez, a categoria *viver* assume maior relevância entre os perfis espiritual e ruptura, revelando que é entre este tipo de entrevistado que as referências a vivências, à procura de sentido para a vida ou a estratégias de equilíbrio entre diferentes dimensões da vida orientadas para a satisfação ou procura de felicidade se destacam mais ($X^2_{(3)}=149,378$; $p < 0,001$).

Ao contrário, o cruzamento da categoria *adiar* – que traduz alusões a projectos para o futuro, o que se deseja, o que falta fazer e por oposição à concretização diária – com a variável perfil revela que é entre os entrevistados de perfil convencional ou pragmático que o adiar se torna mais relevante ($X^2_{(3)}=53,641$; $p < 0,001$).

Quanto à valorização da posse (*ter*), destaca-se a associação com os perfis pragmático e convencional.

No sentido inverso, foi possível perceber que a presença de referências a *ser* (que se traduzem por menções nos discursos dos entrevistados à importância do auto-conhecimento, desenvolvimento pessoal, realização pessoal, aprendizagem, gozar as situações e o dia-a-dia) e a *hedonismo* (sugerindo a importância dos prazeres físicos e/ou sensoriais, com destaque para opções de vida orientadas para a satisfação) estão associadas aos perfis espiritual e ruptura ($X^2_{(3)}=137,788$; $p < 0,001$ e $X^2_{(3)}=62,462$; $p < 0,001$, respectivamente).

No mesmo sentido, é entre estes perfis (espiritual e ruptura) que se verifica uma maior associação com valores de *espiritualidade* ($X^2_{(3)}=100,625$; $p < 0,001$).

Quanto à valorização do *outro* (traduzida pela importância dada ao *colectivo* e a práticas de apoio ao outro) verifica-se uma maior associação desta categoria com o perfil espiritual ($X^2_{(3)}=74,606$; $p < 0,001$).

A relevância dada ao *trabalho* e à dimensão profissional assume maior expressão entre os entrevistados com perfil convencional ($X^2_{(3)}=21,747$; $p < 0,001$).

Por sua vez, as alusões à *família* e aos *amigos* assumem particular destaque entre os entrevistados de perfil pragmático ($X^2_{(3)}=30,923$; $p < 0,001$; $X^2_{(3)}=10,562$; $p < 0,05$).

Por fim, refira-se ainda que a importância da *felicidade* se destaca nos discursos dos entrevistados com perfil de ruptura ($X^2_{(3)}=13,489$; $p < 0,05$).

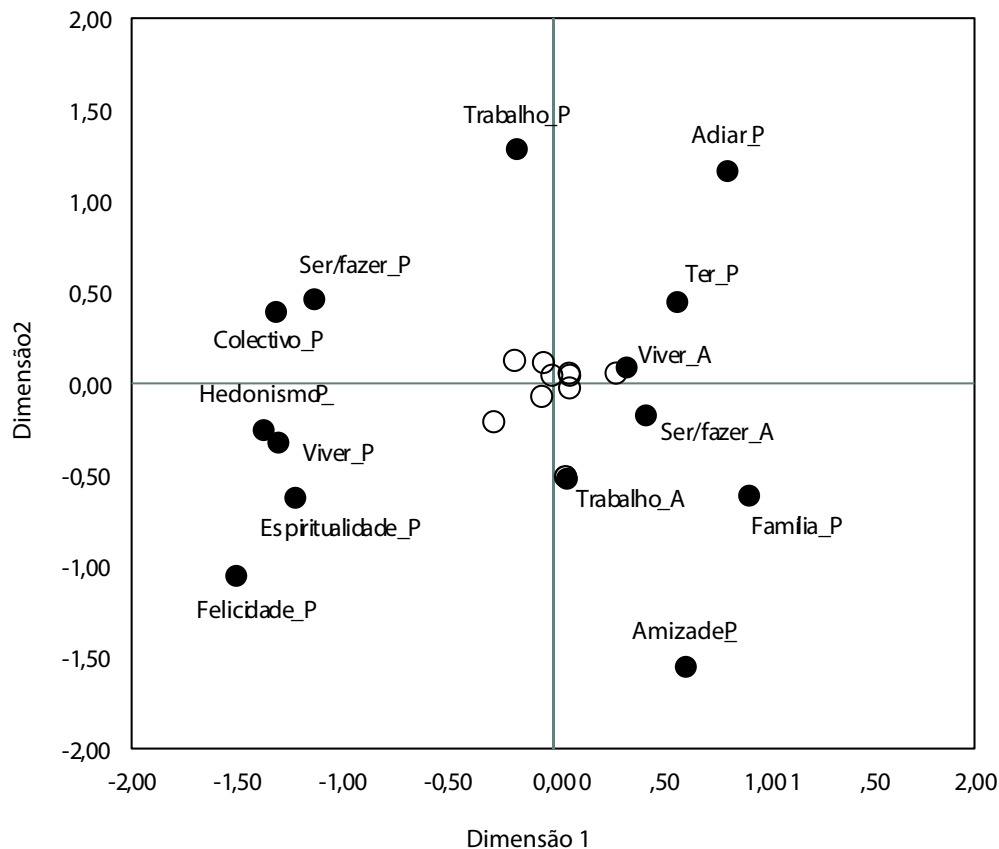
A partir desta análise, foi possível começar a conhecer os valores orientadores de diferentes posturas e condutas vivenciais. Este é um exemplo do tipo de análise estatística que é possível desenvolver com os resultados de uma Análise de Conteúdo a discursos obtidos através de entrevistas em profundidade.

Esta análise bivariada permitiu perceber que os diferentes perfis propostos têm associados valores orientadores e práticas diferenciadas, mas só por si não permite uma caracterização conjunta das relações entre as categorias de análise propostas. Da mesma forma, a análise compreensiva dos discursos sugeria que alguns destes valores se opunham, enquanto outros que se aproximavam, mas só uma análise relacional do conjunto dos valores e práticas considerados permitiria aprofundar a questão. Com esse objectivo, desenvolvemos uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) para explorar as relações entre as várias categorias em simultâneo. Só esta análise relacional permite identificar as associações privilegiadas entre as categorias consideradas (o que aproxima e distancia diferentes atributos) e conhecer a sua configuração.

No gráfico 1, apresenta-se a representação gráfica da ACM realizada, possibilitando a visualização das relações entre as categorias, para assim fazer uma análise conjunta, simultânea e relacional dos diferentes valores e práticas dos entrevistados¹⁰.

10 Originalmente, a ACM foi desenvolvida com recurso ao *ANDAD*. Não nos foi possível repetir o seu cálculo neste programa, pelo que o gráfico apresentado difere ligeiramente do anteriormente publicado (Roque Dantas, 2008). Contudo, a ACM agora realizada, com recurso ao *SPSS*, permite chegar a conclusões semelhantes.

**Gráfico 1: Configurações de valores e práticas dos entrevistados
(Análise das Correspondências Múltiplas)**



Fonte: Roque Dantas (2008)

Nota: No gráfico, estão projectadas as doze categorias analíticas segundo a sua presença (_P) e ausência (_A). As marcas sem rótulo de categoria referem-se a categorias cujos valores não discriminam, ou seja, não contribuem de forma significativa para a estruturação do espaço factorial. Optou-se por suprimir a sua informação para facilitar a leitura do gráfico. São elas: Tempo_P e Tempo_A; Adiar_A; Ter_A; Colectivo_A; Hedonismo_A; Família_A; Espiritualidade_A; Felicidade_A; Amizade_A.

O exame dos resultados (gráfico 1) permite perceber como cada uma das dimensões diferencia os objectos em análise.

A dimensão 1 estrutura uma constelação de valores e práticas mais direccionadas para a vivência diária e intensa, privilegiando a acção (presença do ser/fazer), mas também a importância concedida aos outros, da espiritualidade e da felicidade enquanto valores orientadores de práticas. Mais especificamente, as variáveis que mais discriminam a dimensão 1 são: *viver, ser, colectivo, espiritualidade e felicidade*.

Por sua vez, a dimensão 2 estrutura-se através das variáveis *adiar*, *ter*, *família* e *trabalho*, agregando indivíduos que apresentam posturas vivenciais mais tradicionais, centradas na família e na actividade profissional e valorizando a posse e a amizade nos seus discursos.

Esta análise multivariada permitiu explorar, de forma aprofundada, o que havia ficado sugerido pela análise qualitativa das entrevistas. Dos discursos emergem valores orientadores e práticas diárias que, embora partilhando semelhanças quanto aos temas tratados, são distintos quanto ao seu significado e importância. Emerge, igualmente, que essas diferenças estão relacionadas com diferentes posturas vivenciais.

A análise estatística apoiou a interpretação mais qualitativa, na medida em que permitiu à investigadora algum afastamento em relação aos discursos e às vozes dos entrevistados, ensaiando análises interpretativas com distanciamento às entrevistas (e aos entrevistados). Foi esta abordagem simultânea e relacional que permitiu chegar às conclusões que em seguida se apresentam.

5. Nota conclusiva

Os resultados globais deste projecto de investigação mostram que há constelações de valores e sentimentos associados a diferentes posturas vivenciais.

A exploração das várias dimensões existenciais – como as relações familiares, o trabalho, a situação financeira, os amigos ou os estilos de vida – nas trajectórias de vida dos entrevistados permitiu captar os valores e práticas que lhes estão subjacentes. As trajectórias analisadas permitiram reforçar os quatro perfis-tipo teoricamente delineados quanto aos percursos e posturas vivenciais: pragmático, espiritual, convencional e ruptura.

Concretamente, o perfil pragmático caracteriza-se pela importância da posse, valorização do tempo e pelo adiar das suas vivências. Distingue-se pela lógica instrumental do trabalho, embora a importância da realização pessoal esteja presente nos discursos destes entrevistados. Os valores de posse (*ter*) assumem um papel importante: ter saúde, ter emprego, ter família, ter felicidade funcionando como ideais a atingir.

Por sua vez, o perfil espiritual valoriza a acção (*ser/fazer*), a importância do viver, o hedonismo, mas também valores de espiritualidade e de cooperação e apoio aos outros. Destacam-se entre estes entrevistados os ideais espirituais, a procura de um sentido para a vida e de realização pessoal em todas as dimensões da vida, que é estruturada em torno da procura de equilíbrio e bem-estar ou prazer.

Quanto ao perfil convencional, destacam-se os valores familiares, do trabalho, bem como o valor do tempo. Este perfil associa-se igualmente à categoria *adiar* e à importância da posse: ter um bom emprego, ter um bom ordenado, ter uma carreira, ter uma família e ter felicidade.

Ao contrário, o perfil de ruptura distingue-se pela valorização do viver, da acção e do hedonismo. Estas associações sugerem vivências intensas, com urgência de concretização, indicando vidas em que o prazer é uma motivação à acção. Os seus discursos revelam que mudanças significativas na vida impulsionaram rupturas (pessoais e/ou profissionais) e o ensaio de novas formas de vida. Entre eles, a questão da posse é secundária, assumindo a acção um papel estruturador da vivência.

Assim, se para uns, *ter* é um objectivo, para outros *viver* estrutura um quadro de vida expresso pelo gostar do que se faz e ter tempo e disponibilidade para si e para os outros. Mais especificamente, por um lado, encontramos actores sociais a projectar as suas vidas no futuro, muitas vezes idealizadas através da posse; e outros a valorizar o acção (*ser/fazer*) e a concretização quotidiana. Neste sentido, os resultados indicam que, associados a posturas e práticas vivenciais distintas, é possível identificar diferentes valores e sentimentos orientadores. Esta distinção fica marcada pela oposição entre viver e adiar e ter e ser, indicativos da forma como os indivíduos idealizam e vivem as suas vidas.

Em síntese, este trabalho de investigação permitiu conhecer como diferentes actores sociais formalizam os seus valores orientadores e sentimentos e de que modo na sua trajectória biográfica estes estão presentes como orientação para a acção individual. Através de uma análise simultaneamente quantitativa e qualitativa, foi possível interpretar o significado que os actores sociais dão às suas acções, mas também destacar os valores sociais orientadores da acção individual.

Bibliografia

- ATKINSON, R. & FLINT, J. (2001). «Accessing hidden and hard-to-reach populations: Snowball research strategies», in *Social Research Update*, 33. Disponível em <http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU33.html>.
- BARDIN, L. (1994). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BAUMAN, Z. (2003). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BECK, U. & BECK-GERNSHEIM, E. (1995). *The Normal Chaos of Love*. Nova Iorque: Wiley.
- BECK, U. & BECK-GERNSHEIM, E. (2001), *Individualization*. Londres: SAGE Publications.
- BIERNACKI, P. & WALDORF, D. (1981). “Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling”, in *Sociological Methods & Research*, 10(2), pp. 141-163.
- BINGHAM, W. & MOORE, B. V. (1934). *How to interview*. Califórnia: Harper & brothers.
- CONDE, I. (1993a). «Falar da vida (I)», in *Sociologia, Problemas e Práticas*, 14, pp. 199-222.
- CONDE, I. (1993b). «Problemas e virtudes na defesa da biografia», in *Sociologia, Problemas e Práticas*, 13, pp. 39-57.
- CONDE, I. (1994). «Falar da vida (II)», in *Sociologia, Problemas e Práticas*, 16, pp. 41-74.
- DUBAR, C. (1998). «Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos», in *Educação & Sociedade*, 19, pp. 13-30.
- ELIAS, N. (2006). *O processo civilizacional*. Lisboa: Dom Quixote.
- GHIGLIONE, R. & MATALON, B. (2001). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- GIDDENS, A. (2002). *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta editora.
- GRIFFITHS, S. & REEVES, R. (Eds.) (2009). *Well-being: How to lead the good life and what government should do to help*. Londres: Social Market Foundation.
- GUERRA, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Lisboa: Principia.
- HOWARD, C. (2007). *Contested Individualization: Debates about Contemporary Personhood*. Londres e Nova Iorque: Palgrave Macmillan.

- INGLEHART, R.; FOA, R.; PETERSON, C. & WELZEL, C. (2008). «Development, freedom, and rising happiness: A global perspective (1981-2007)», in *Perspectives on psychological science*, 3(4), pp. 264-285.
- INGLEHART, R. & WELZEL, C. (2005). *Modernization, Cultural Change, and Democracy: The Human Development Sequence*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KAUFMANN, J.C. (2006). *L'entretien compréhensif*. Paris: Armand Colin.
- KOVACS, I. & LOPES, M. C. (2009). *Alternativas à crise do emprego: desafios à educação e formação e novas formas de regulação*. Comunicação apresentada a Próximo Futuro, Fundação Gulbenkian, Lisboa.
- LAHIRE, B. (2004a). *O homem plural: as molas da acção*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LAHIRE, B. (2004b). *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Brasil: Artmed editora.
- LAUREANO, R. (2013). *Testes de Hipóteses com o SPSS – O Meu Manual de Consulta Rápida*. Lisboa: Silabo.
- LIPOVETSKY, G. (2007). *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.
- LISBOA, M.; CARMO, I.; VICENTE, L.; NÓVOA, A.; BARROS, P. P.; ROQUE, A.; SILVA, S. M. d. & AMÂNDIO, S. (2006). *Prevenir ou remediar: os custos sociais e económicos da violência contra as mulheres*. Lisboa: Edições Colibri.
- LOPES, J. T. (2012). *Registos do actor plural: Bernard Lahire na sociologia portuguesa*. Porto: Edições Afrontamento.
- MARÔCO, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. Pêro Pinheiro: ReportNumber, Lda.
- PAIS, J. M. (2006). *Nos rastros do solidão: deambulações sociológicas*. Lisboa: Âmbar.
- PICKETT, K. & WILKINSON, R. (2011). *The Spirit Level: Why greater equality makes societies stronger*. Londres: Bloomsbury Press.
- POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON, S. & RAYBAUT, P. (1999). *Histórias de vida: teoria e prática*. Oeiras: Celta.
- ROQUE DANTAS, A. (2008). *Que vida viver? Para uma análise sociológica da felicidade enquanto projecto de vida*. (Mestrado), FCSH/UNL, Lisboa.
- ROQUE DANTAS, A. (2012). *A construção social da felicidade*. Lisboa: Colibri.
- ROQUE DANTAS, A. (2015). *A felicidade enquanto recurso emocional socialmente desigual: para uma abordagem sociológica do sentir*. (Doutoramento), FCSH/UNL, Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/15119>

- SANDELOWSKI, M. (1995). "Sample size in qualitative research", in *Research in Nursing & Health*, 18(2), pp. 179-183. doi:10.1002/nur.4770180211.
- SHESKIN, D. J. (2004). *Handbook of parametric and nonparametric statistical procedures*. Cleveland: Chapman & Hall/CRC. (3.^a edição).
- VALA, J. (2007). «A análise de conteúdo», in A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento. (14.^a edição).
- WELZEL, C.; INGLEHART, R. & KLIGEMANN, H.D. (2003). «The theory of human development: A cross-cultural analysis», in *European Journal of Political Research*, 42(3), pp. 341-379.